

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

EU-PELE: O CORPO FEMININO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO E EMPODERAMENTO DA MULHER¹

Pâmela Copetti Ghisleni², Douglas Cesar Lucas³.

¹ Pesquisa livre desenvolvida no Curso de Mestrado em Direitos Humanos do PPGD da UNIJUI, na disciplina de Teoria Geral dos Direitos Humanos, ministrada pelo Dr. Douglas Cesar Lucas;

² Acadêmica e Bolsista CAPES do Curso de Mestrado em Direitos Humanos do PPGD da UNIJUI, pcghisleni@gmail.com;

³ Doutor em Direito pela UNISINOS e Pós-Doutor em Direito pela Università Degli Studi di Roma Tre. Professor dos Cursos de Graduação e de Mestrado em Direito da UNIJUI e do Curso de Graduação em Direito do IESA, doglasl@unijui.edu.br.

Introdução

O racionalismo do século XVII trouxe com Descartes uma nova forma de pensar, ao estabelecer que o acesso ao mundo se dava por meio da racionalidade. Nessa perspectiva, privilegia-se a mente em detrimento do corpo. No século XX, contudo, "a exploração freudiana do inconsciente representou uma tentativa de introduzir novamente a pessoa em seu próprio corpo. Hoje, o corpo inteiro parece mais acessível e ligado à expressão de um eu" (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2011, p. 81). Sendo assim, é restaurada e aprofundada a temática da carne, da carcaça, do corpo orgânico e biológico. Por conseguinte, o presente estudo objetiva demonstrar que o corpo materialmente considerado está na base da desigualdade e da opressão de gênero, sobretudo na contemporaneidade, motivo pelo qual propõe-se a ideia de que o empoderamento feminino e, portanto, a emancipação das mulheres, ocorrerá por meio do corpo delas.

Metodologia

Quanto aos objetivos gerais, a pesquisa é do tipo exploratória. Utiliza no seu delineamento a coleta de dados em fontes bibliográficas disponíveis em meios físicos e na rede mundial de computadores. Na sua realização, utiliza-se o método de abordagem hipotético-dedutivo.

Resultados e discussão

Para além de uma construção histórica, o corpo feminino tornou-se objeto de estudo da filosofia, da medicina, da pedagogia, da psicologia e também do direito (COLLING, 2014). Com isso, normatizou-se o corpo feminino em todas as suas entranhas, não restando qualquer margem de interpretação e de vivência para o próprio sujeito cuja biografia é escrita em carne feminina. Essa circunstância acarretou no fato de que na antropologia e na teoria feminista de modo geral, a principal referência tenha sido sempre o corpo interno, relegando-se ao corpo biológico, à carne, à carcaça, um lugar secundário em termos de relevância. Por isso, é fundamental discorrer inicialmente sobre o corpo feminino a partir de várias perspectivas históricas.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O primeiro discurso responsável por determinar os papéis sociais - e talvez o mais importante no Ocidente - é o do filósofo grego Aristóteles (384-322 AC), na medida em que enalteceu a racionalidade masculina em detrimento da feminina. Para ele, "entre os animais, é o ser humano que possui o cérebro mais desenvolvido, em proporção com o seu tamanho; como também o cérebro é maior nos homens do que nas mulheres" (ARISTÓTELES, 2010, p. 79).

Do mesmo modo, Platão (427-347 AC) aproxima parto e pensamento sob o argumento de que pensar é dar à luz. De modo geral, assinala que as mulheres são fracas e os homens fortes, quando questiona Glauco se ele teria "conhecimento de alguma atividade humana em que os homens não sobrepujem as mulheres" (PLATÃO, 1997, p. 154).

Hipócrates (460-377 AC), Pai da Medicina, incorporou Platão e Aristóteles em seu discurso médico ao afirmar que o útero circulava no interior do corpo da mulher. Biologicamente, portanto, corroborava a fragilidade feminina (HIPÓCRATES, 2007). No mesmo sentido, o médico grego Galeno (130 DC) acreditava que a falta de calor fez com que os órgãos genitais das mulheres não descessem, ficando ocultos e, portanto, imperfeitos. Outro argumento médico que pode ser lembrado é o do criminologista Cesare Lombroso (1835-1909), para quem as mulheres eram menos criminosas do que o sexo perfeito - o do macho. Ressalvava, contudo, que a mulher criminosa tinha uma sexualidade exacerbada e embriagada de perversão, fazendo referência à masturbação e ao lesbianismo (LOMBROSO; FERRERO, 2004).

O discurso psicanalítico tem em Sigmund Freud (1856-1939) seu maior expoente. Ele foi pioneiro por adotar a diferença entre os sexos como objeto. Em sua concepção, a mulher - ou "continente obscuro", como ele a chamava - é um ser incompleto que tem inveja do falo, o que justifica, em algumas situações, a histeria feminina. Por isso, ele preceitua que o momento mais sublime da vida de uma mulher é quando ela dá à luz a um filho homem (FREUD, 1994).

Por fim, além das narrativas acima, não podemos deixar de mencionar o discurso religioso desde Adão e Eva até a atualidade, o qual reforça a designação do papel do macho e da fêmea, endossando a mulher e notadamente o corpo feminino como um objeto de desejo, mas também de medo, pecado, intriga e desvio. É fácil perceber que todas estas manifestações/apropriações do corpo são protagonizadas por homens e levam em conta um sistema binário, de opostos, em que um dos pares é sempre hierarquizado como superior e o outro inferior. Nessa perspectiva, em artigo sobre a psicanálise e feminilidade em Freud e Lacan, Olivia Bittencourt Valdivia (1997, p. 27) conclui que "há um lado misterioso, irracional e perigoso na feminilidade. Algo de verdadeiro e falso, luz e sombra, escuridão e rutilância. A mulher é um meio dizer que o homem elabora na especificidade do seu desejo [...]".

Diante dessas considerações, não poderia ser outra a conclusão da médica e antropóloga Mari Luz Esteban (2004, p.115-116), no sentido de que "los cuerpos femeninos están hablando, actuando, comunicando, expresando y materializando diferentes visiones del mundo, que no siempre coinciden con lo que se dise sobre ellas". De fato, as mulheres foram inseridas em um discurso de cuja construção não participaram e agora, pouco a pouco, aliando teorizações a movimentos sociais, estão tentando galgar progressos em termos de conquista de direitos e de reconhecimento social.

Conforme já assinalado, o presente estudo coaduna com a hipótese de que parcela considerável do problema da desigualdade de gênero reside na definição absolutamente sectária de feminino e de masculino que atribui a cada corpo biológico características estéticas e trejeitos que devem ser performados pelo macho ou pela fêmea. O masculino é associado à força, à virilidade e ao trabalho.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O feminino adorna a beleza, a maternidade, a reprodução e a sensualidade - o sex appeal. De fato, a partir do século XX, o corpo assume uma função extremamente relevante enquanto mediador cultural, recebendo cada vez mais visibilidade e relevância, pois somente o corpo permite ao sujeito agarrar-se a sua própria existência. É nele - e com ele - que o indivíduo escreve sua história, formula suas narrativas e projeta e concretiza suas expectativas de vida.

Nessa perspectiva, muitas das nossas identidades se fazem visíveis aos outros por meio das indústrias de consumo, beleza e publicidade. "A história do corpo feminino é também a história de uma dominação na qual os simples critérios de estética já são reveladores: a exigência tradicional por uma beleza sempre pudica, virginal e vigiada, impôs-se por muito tempo, antes que se afirmassem libertações decisivas repercutidas nas formas e nos perfis, movimentos mais aceitos, sorrisos mais expansivos, corpos mais desnudos. A história do corpo, em outras palavras, não poderia escapar à história dos modelos de gênero e das identidades" (CORBIN; COURTINE, VIGARELLO, 2011, p. 13). Essa colocação vai ao encontro das ideias da historiadora social Carol Dyhouse (2011), para quem o glamour, em muitos contextos, engendrou um verdadeiro repúdio às normas de classe e gênero ou às expectativas de feminilidade convencionais, de modo que representou muito mais rebeldia, ousadia e subversão do que submissão feminina.

Esteban (2004) vai dizer que a identidade de gênero é sempre uma identidade corporal que nos identifica como seres carnis. Por isso, a autora procura abordar de outra maneira a experiência corporal, concebendo o sujeito como agente da sua própria vida, de seus próprios itinerários, de sua própria jornada a trilhar, e não exclusivamente como vítima de um sistema de gênero ou de uma cultura corporal hegemônica ocidental que faz do corpo um terreno de subordinação e submissão. Fazer essa afirmação não significa dizer que as normatizações de gênero não têm consequências maléficas para as mulheres. Na realidade, implica em observar a experiência concreta de cada uma delas, sem homogeneizá-las ou convertê-las em seres absolutamente passivos, circunstância que anda passo a passo com a vitimização.

A historiadora Mary Del Priore (2000) é relativamente cética no que diz respeito aos padrões de beleza e de estética. Ela afirma que as mulheres do século XXI trocaram a submissão aos pais, companheiros, patrões e ao patriarcado em geral, pela dominação da mídia e da publicidade e das suas imposições. Não que isso não ocorresse em outros tempos, mas é preciso concordar que a globalização estandardizou a figura do corpo ideal.

Nesse sentido, o corpo feminino e suas facetas podem colaborar para o empoderamento de mulheres e para a conquista de direitos e reconhecimento. O corpo deve ser compreendido não como a prisão do ser, mas como sua libertação, não como castração, mas como um veículo que possibilita mover-se pela estrada da vida. Nesse sentido, a hipervisibilização do corpo não é interpretada negativamente, mas como catalisador do empoderamento feminino.

Essa afirmação, contudo, é feita com certo melindre, pois o problema não está na visibilização do corpo feminino - até mesmo porque ele tem sido visibilizado astronômica, dia após dia, basta pensar na revenge porn - mas na forma como ela se dá. É preciso agora, ver o não visto. Em resumo, não se pode reduzir o ser ao corpo, à carcaça, mas também não se pode reduzir o corpo ao ser, à mente. É preciso analisar ambas as dimensões de forma conjunta, fazendo do corpo sujeito e agente de transformação social, porque estamos condenados a viver em nosso invólucro. A psicanálise endossa esse argumento, na medida em que a construção do eu e do corpo unificado "são as duas faces da mesma realidade, pois para o sujeito a experiência de ter e ser eu implica para

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

ele habitar um corpo unificado. A condição de unificado remete à noção de ser um, uno, eu, matéria, corpo que se inscreva no espaço e no mundo" (BIRMAN, 1999, p. 35).

Sobretudo no caso das mulheres, é o corpo orgânico, de carne, sangue e humores, o terreno sobre o qual foram construídas aproximações, definições e padronizações que relegam à mulher uma posição secundária na sociedade e, por isso, "el estudio del género no puede escapar al cuerpo, a su materialidad, a la interacción social y corporal" (ESTEBAN, 2004, p. 243). Em última instância, todas as contradições e disputas sociais (classe social e idade, por exemplo) implicam na materialidade do corpo. Dito de outro modo, o corpo é objeto, mas, acima de tudo, o próprio ser e, portanto, sujeito. "[...] Talvez já se possa afirmar não que o sujeito tem um corpo, mas que o sujeito é um corpo, pois se está falando de algo que é uno na subjetividade e na corporeidade, uma articulação singular" (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 243). Com efeito, "[...] el cuerpo aparece como la expresión material que traduce un conjunto de ideas y símbolos y muestra, en el plano estético, el diseño de un sujeto socialmente modelado. La trayectoria vital aparece, pues, corporeizada en una forma que comunica socialmente a pesar del sujeto" (LAURINO, 2008, p. 18-19).

Por fim, é bom que se diga que empoderar não é sinônimo de embelezar, glamourizar, performar, estereotipar, mas de possibilitar que mulheres aceitem seus corpos e reconheçam a pluralidade de formas e curvas que desenharam a(s) silhueta(s) feminina(s) e as suas vivências, porque essas duas dimensões - corpo e mente - não se separam.

Por isso, Esteban (2014) conclui que nós, mulheres, estamos condenadas a potencializar nossa consciência corporal. É preciso apropriar-se dessa carcaça que na realidade sempre nos pertenceu, mas cujo acesso não nos era permitido. A mulher é convocada a ser, mais do que nunca, extremamente narcisista (em termos de autoconhecimento) em relação ao seu próprio corpo, o que pode pressagiar uma alteridade em relação às demais mulheres, favorecendo a sororidade. Na esteira do que preconiza Michele Perrot (2003, p. 26), "as representações do corpo feminino assimilam-no a uma terra fria, seca, a uma zona passiva, que se submete, reproduz, mas não cria; que não produz nem acontecimento nem história e do qual, conseqüentemente, nada há a dizer". Portanto, somente a reapropriação (ou seria apropriação?) do corpo feminino possibilitará, pouco a pouco, o reconhecimento e o progresso em termos de igualdade de gênero.

Conclusões

A história das mulheres é, ao contrário do que se pensa, uma história recente. De certo modo, ela coincide com a visibilização do corpo delas. O desafio, agora, é construir uma nova visão de mundo a partir de narrativas que concebem o corpo biológico e biográfico da mulher não mais como objeto, mas como sujeito, como protagonista da sua própria história. Platão, Aristóteles, Hipócrates, Galeno, Freud. Todos utilizaram o discurso de que a inferioridade da mulher é natural, dando suporte a práticas jurídicas e constitucionais de regulamentação entre os sexos, justificando-se a inferioridade e a submissão feminina. Atualmente, a mídia e as expectativas criadas em torno do que é ser mulher e inclusive do que é ser empoderada geram frustração e sentimento de impotência. Conclui-se, portanto, que mais do que um espectador passivo, o corpo orgânico pode ser um caminho para a libertação, sendo necessário, para tanto, estimular o autoconhecimento e o amor próprio em relação ao próprio corpo. "Daí a necessidade de as mulheres se apropriarem delas, de

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

lutarem pelo conhecimento e pela autonomia de seu corpo, grande bandeira do feminismo contemporâneo" (PERROT, 2003, p. 23).

Palavras-Chave: Corpo; Feminismo; Mulher; Sexualidade.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo fornecimento da bolsa de estudos que possibilitou meu acesso à pós-graduação e a realização de pesquisas como a presente.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. Partes dos animais. Tradução de Maria Fátima Souza e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2010.

BIRMAN, Joel. Cartografias do feminino. São Paulo: Editora 34.

COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. História do corpo: as mutações do olhar: o século XX. Tradução e revisão de Ephraim Ferreira Alves. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DYHOUSE, Carol. Glamour: mujeres, historia y feminismo. Traducción de Jeannine Emery. Buenos Aires: Claridad, 2011.

ESTEBAN, Mari Luz. Antropologia del cuerpo: género, itinerários corporales, identidade y cambio. Espanha: Ed. Bellaterra, 2004.

FREUD, Sigmund. A feminilidade: novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HIPÓCRATES. Aforismos. São Paulo: Martin Claret, 2007.

LAURINO, Carolina González. Identidad y percepción social del cuerpo. In: PRZECANSKI, Teresa (Org.). El cuerpo y sus espejos: estudios antropológico-culturales. Montevideo: Planeta, 2008.

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. Criminal woman and prostitute and the normal woman. Translated by Nicole Hahn Rafter and Mary Gibson. Durham: Duke University, 2004.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

PERROT, Michele. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate. São Paulo: Ed. UNESP, 2003. pp. 13-27.

PLATÃO. A república. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.

PRIORE, Mary Del. Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

VALDIVIA, Olivia Bittencourt. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 17, n. 3, p. 20-27, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931997000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 jun. 2016.